

**Vila Tarsila (60')**  
**Cia Druw**  
**Teatro Cacilda Becker**

Vila Tarsila fala de uma artista e da sua arte, através da dança, fazendo parte da trajetória artística da Druw Companhia de Dança, dirigida por Mirian Druw, que neste espetáculo volta a dividir o comando de sua arte com Cristiane Paoli-Quito.

Druwe, desde bailarina, sempre quis falar para muitos, através de uma dança vigorosa, que nos impunha uma presença cênica forte e intensa. Sua companhia vem falando para muitos, desta vez trabalhando os contornos de uma comunicação em dança com foco no público jovem e infantil, mediante obras que possam com ele conversar mais diretamente.

Produzir obras dirigidas a nichos específicos de públicos é um desafio a mais da arte da criação em dança e, para tanto, em Vila Tarsila, as criadoras Druwe e Quito seguem algumas premissas de organização coreográfica e dramática.

Tendo como ponto de partida a vida (e obras) da genial pintora brasileira, ícone do modernismo, Tarsila do Amaral (1886-1973), colocam em cena ora o “seu personagem” Tarsila, ora as traduções cênicas de algumas de suas obras.

Na cena podemos perceber estes dois vetores principais.

Quando se trata de pontuar cenicamente a vida da pintora moderna de São Paulo, a obra assume seus contornos mais marcadamente teatrais – há palavras e fragmentos de discurso em cena, em dinâmicas que nos remetem a características da personagem Tarsila.

Assim é quando uma “linha de coro” (uma fileira de bailarinos à frente do palco) dança sobre uma brincadeira sonora entre as línguas do Brasil e da França. Neste momento, de maneira original

e engraçada, a obra fala da afirmação de aspectos da brasilidade manifesta e artisticamente conjugados por Tarsila, frente ao mundo, vasto mundo.

O outro vetor nos é apresentado quando a companhia “dança” algumas das obras de Tarsila, como Abaporu (1928), Manacá (1927) e Operários (1933), que se apresentam no cenário/telão digital do fundo do palco e no conjunto da movimentação dos bailarinos. Por exemplo, e, sobretudo, quando todos viram “abaporus”, cena em que se estabelece, genialmente, uma tradução corporal de um personagem que nos chega diretamente do campo das artes visuais.

Como ele é um bicho que nunca vimos em movimento, a estratégias de sua tradução em dança resultam de procedimentos menos ancorados em aloés de bicho ou ser familiar, gerando uma interessante liberdade de interpretação e dinâmica cênica.

Afinal, não se sabendo de que maneira, afinal, se move um abaporu, Druwe e Quito fazem dele uma invenção, também mediante a contribuição dos acessórios que portam os artistas \_ pés e braços que funcionam como próteses enormes - fruto de um competente trabalho de construção de bonecos e adereços.

Para traduzir tanta complexidade através da dança, a obra conta com figurinos competentes, trilha sonora original e um projeto específico de iluminação.

Em seu bojo traz a discussão central da dança em suas interfaces com as artes visuais, neste caso, a pintura, que comunica conteúdos da humanidade através de uma determinada organização de meios – ação do artista, canvas, tintas e pincéis - que não aquela da dança, estruturada mediante corpos em movimento no espaço frente a seus públicos.

No Vila Tarsila, também esta presente o desafio de trabalhar conteúdos de nossa história artística recente, para difundi-los e,

através de uma dança para platéias específicas, vai se construindo até o final do espetáculo, uma obra aberta a interpretações, mas fiel à tradução de uma artista moderna que sabia encontrar humor na vida e na arte.

Este humor a partir de uma realidade dada e a vontade manifesta de se construir trajetórias estéticas em nosso país, unem as obras de Tarsila e aquela de Mirian Druwe e Cristiane Paoli-Quito.